

ECOLOGIA

Em suas condições de existência e de trabalho, o homem se afastou da natureza. Mas não poderá esquecer que seu futuro depende do ar, da água e da terra que compõem o seu ecossistema. E ele sonha com aquela natureza imaculada que teria sido o Paraíso perdido, aquele passado mítico de uma Humanidade vivendo em sagrada e perfeita harmonia com o ambiente.

□ POR PHILIPPE MOREAU DEFARGES

NOSTALGIA DO ÉDEN

Uma reflexão sobre o meio ambiente e seu significado econômico

A tomada de consciência ecológica constitui um dos principais fatos do final do século. O homem sempre foi criador, construtor, destrutor, predador e poluidor. As destruições, as pilhagens da natureza, são tão antigas quanto a Humanidade. Os problemas de limpeza, água, lixo se apresentavam tanto na Roma imperial quanto na Paris da Idade Média.

Entretanto, constata-se uma ruptura no final do século XVIII. Com a Revolução Industrial, o crescimento e as migrações das populações, a urbanização, a exploração dos recursos naturais se faz em grande escala, de maneira sistemática. A terra, explorada, conquistada e partilhada, torna-se uma imensa oficina. Também a poluição muda de dimensão; não sendo mais reabsorvida espontaneamente, danifica a paisagem e requer mecanismos cada vez mais sofisticados de reciclagem e eliminação. O homem se sente todo-poderoso mas, ao mesmo tempo, toma consciência de que age como aprendiz de feiticeiro.

A Literatura do século XIX — de Mary Shelley (Frankenstein) a Robert Louis Stevenson (Dr. Jekyll and Mr. Hide) ou a Júlio Verne (com o Capitão Nemo) — multiplicou estes gênios que se pretendem iguais a Deus, e que a ciência e a técnica tornam loucos. Neste final do século XX o homem aprende que, através de suas produções, modifica o equilíbrio natural. Deste modo, as emissões de gás carbônico dos automóveis e das fábricas contribuíram para o esquentamento progressivo da atmosfera e para a elevação das temperaturas terrestres.

Por um lado, o homem, em suas condições de existência e de trabalho, se afasta cada vez mais da natureza. O aldeão vivia num universo dominado pelo ciclo das estações; hoje em dia ele emigra para as imensas aglomerações. Os laços com a terra se tornam abstratos e, sobretudo, estão tomados pela dinâmica da industrialização, como o mostra a agricultura moderna, ou a fazenda que funciona como fábrica.

Por outro lado, o homem não escapa da natureza. Não pode esquecer que seu futuro depende do ar, da água, da terra que constituem seu ecossistema. Além disso, nostálgico, sonha com a natureza intacta, não manchada, o Éden, espécie de passado mítico, no qual a Humanidade teria mantido uma relação harmoniosa com o ambiente, retirando tanto quanto ela restituía.

A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA

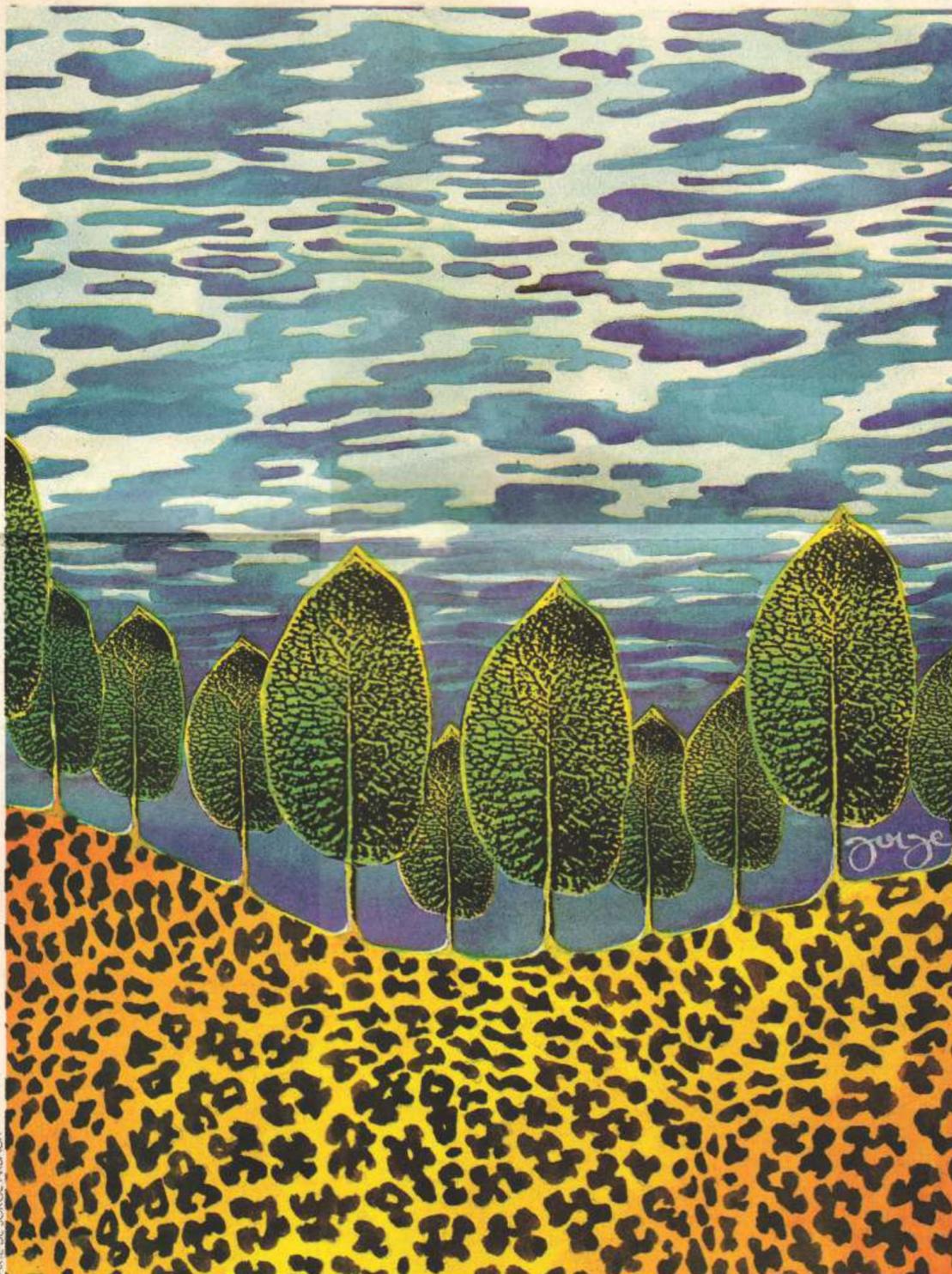
A tomada de consciência se esboça na virada dos anos 1960-1970. Primeiro, nasce do processo da sociedade de consumo: o homem se encontra numa espiral de necessidades "artificiais" (primeiro o carro) que, satisfeitas, são substituídas por outros desejos; os "hippies" formam comunidades "naturais" fundamentadas na frugalidade e no artesanato. Em 1972, o Clube de Roma profetiza o esgotamento das matérias-primas industriais; em 1973, o primeiro choque do petróleo parece lhe dar razão e prenuncia um grave déficit de energia. Os problemas de meio ambiente tendem a ser encarados em termos apocalípticos: com o progresso técnico, o homem desencadeou forças que não domina. Ao longo dos anos 1970, a contestação ecológica se identifica com o protesto antinuclear: o átomo ameaça o homem, sua saúde, sua integridade, e desemboca no surgimento de um sistema totalitário, controlado por técnicos todo-poderosos.

O final dos anos 70 e a primeira metade dos 80 são dominados pela "crise": declínio de setores como a siderurgia e emergência das indústrias do imaterial (eletrônica, informática). Então, o meio ambiente parece esquecido, com exceção de alguns textos adotados no alvorecer dos anos 70 (por exemplo, o princípio poluidor-pagador, definido pela OCDE, em 1972).

O ANO VERDE: 1989

O ano verde acontece em 1989. Em janeiro, o semanário americano *Time Magazine* designa a Terra como o "herói" do ano. O meio ambiente se torna um tema da mídia e da política. Encadeiam-se as conferências mundiais a este respeito; além disso, toda reunião política, toda cúpula evocam o problema, no comunicado final lhe são consagrados alguns parágrafos. Por que 1989?

Em primeiro lugar são as catástrofes técnicas que atingem a natureza: marés negras (desde o naufrágio do Torrey Canyon, em 1967, até o



acidente com o Exxon Valdez, em 1989); desastres químicos (do drama de Seveso, em 1976, à tragédia de Bophal, em 1984, ou à poluição do Reno pelo Sandoz, em 1986); acidentes nucleares (de Three Mile Island, em 1979, a Chernobyl, em 1986). Tais acontecimentos suscitam na opinião pública o sentimento de uma engrenagem maléfica, que fere ou mata os mais vulneráveis, os mais desprotegidos (pássaros, peixes mas, também, populações). A punição é cega e injusta!

Do mesmo modo, as destruições irreversíveis — das baleias até as florestas tropicais — atingem a opinião pública e acarretam este sentimento

de perdas irreparáveis. A História mostrava que criação e destruição eram inseparáveis. Mas, aqui, o homem é o autor, o responsável por estes estragos que, além do mais, são invisíveis (alguns descobertos apenas graças às fotos dos satélites as quais mostram as queimadas na Amazônia).

Assim, os problemas do meio ambiente invadem a vida cotidiana. Lixo doméstico, resíduos industriais, ruídos e danos múltiplos, engarrafamentos automobilísticos cristalizam a percepção de um ambiente degradado, saturado. O primeiro reflexo é: "Not in my backyard". (NIMBY) "Não no meu pátio interno". A consciência ecológica nasce quando o homem percebe que não pode se desembaraçar impunemente de todos os detritos que o incomodam; é preciso, então, organizar, gerenciar. Finalmente, as investigações científicas aumentam o grau de consciência. O desconhecido, invisível, torna-se claro para todos. O ozônio (entre 10 e 70 quilômetros de altitude) — espécie de escudo que protege nosso planeta contra os raios ultravioleta mais nocivos do sol —, se torna objeto de medições, desde 1957. E a observação de "um buraco no ozônio", em outubro de 1979, tem o efeito de um trovão: a camada de ozônio diminui acima da Antártica e tal redução torna-se mais importante

de ano para ano. Um maior conhecimento da Terra, seus ritmos, seus climas, obriga o homem a refletir sobre os equilíbrios naturais e sobre seu papel em suas modificações.

Neste final de século a ciência e a tecnologia triunfam, se impondo como únicas ferramentas eficazes em matéria de superpopulação, superexploração dos recursos naturais ou acumulações multiformes. Mas esta ciência, esta técnica não trazem, como no século XIX, a promessa de uma humanidade melhor, mais sábia, mais senhora de si mesma. Então a natureza parecia um limite que o homem deveria respeitar. No mundo mo-

derno, indiferente a Deus, é a natureza que nos lembra nossa precariedade, vulnerabilidade. Mas ela apenas nos diz o que decidimos fazê-la dizer. O ecologismo reata com os medos milenares, que viam nas catástrofes punições contra o homem-Prometeu ou presságios. Assim, Chernobyl parece materializar a força quase diabólica do átomo, que escapa a qualquer controle do homem e o destrói.

A DIMENSÃO PLANETÁRIA

A idéia de meio ambiente predomina hoje e contribui para esboçar uma nova percepção da Terra. O Planeta e o conjunto das atividades humanas constituem agora um todo. Tal proposição evidente contém, ainda assim, algo de novo: subordina o econômico, o social, o político a uma exigência planetária, à gestão racional e razoável do meio ambiente. De acordo com a fórmula do direito romano, a Humanidade deve comportar-se como "bom pai de família": não desperdiçar os recursos que lhe são confiados, pensar nos filhos e nos netos: "O desenvolvimento sustentado (ou durável) é um desenvolvimento que responde às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras para responderem às suas. Dois conceitos são inerentes a esta noção: 1) o conceito de "necessidades", e mais particularmente das necessidades essenciais dos mais desamparados, a quem convém outorgar a maior prioridade; 2) a idéia das limitações que o grau de nossas técnicas e de nossa organização social impõe sobre a capacidade do meio ambiente para corresponder às necessidades atuais e futuras".⁽¹⁾

Este texto proclama a necessidade de uma economia que leve em consideração as necessidades presentes e futuras, ao articular recursos naturais, capacidades técnicas e crescimento econômico. E faz distinguir entre os recursos que satisfazem as demandas elementares, permanentes e incompressíveis (ar, água, terra), e aquelas cuja exploração maciça corresponde a um determinado estágio de desenvolvimento (especialmente o carvão e o petróleo).

A idéia de ambiente pede um reexame completo dos conceitos, leis e práticas da vida social à luz de uma idéia simples: a sociedade tem um suporte natural, que pode destruir sem se autodestruir.

Aqui começam as interrogações. O tema do meio ambiente é apenas moda? O consumidor, o empresário, o eleitor, o político dos anos 90 se declaram "verdes", não compram ou não fabricam senão produtos que respeitem a natureza e se mostram preocupados com a pureza da água ou com a beleza das paisagens. Ora, até o presente, o entusiasmo ecológico parecia ignorar as obrigações, o preço da proteção à natureza. O reconhecimento do imperativo ecológico impõe, em primeiro lugar, o aumento do preço da gasolina, a multiplicação dos da água, dos estacionamentos urbanos, o aumento do peso dos impostos sobre o lixo caseiro; mas isto pode ir muito mais longe e perturbar a contabilização da riqueza, os sistemas fiscais, as ajudas públicas (especialmente à agricultura). Em resumo, o fervor ecológico não seria substituído rapidamente pelo desencorajamento, pela resignação diante da amplitude e complexidade dos custos? O homem, depois de sonhar com o papel de salvador de uma natureza que martirizara, encontraria reação muito antiga: depois de mim, o dilúvio! Por que se desgastar à procura de soluções incertas ao preço de desafios colossais!

Os problemas de meio ambiente são de dimensões diversas, indo da mudança do clima da Terra até a limpeza dos detritos, ao desmatamento das zonas tropicais e à qualidade das águas doces. Além disso, a maior parte deles está ligada a diversos níveis de decisão (local, regional, nacional, continental, mundial). É por isso que as manifestações perturbam as estruturas estabelecidas, que, ao mesmo tempo as marginalizam, e tentam delas se apropriar (a criação, por toda a parte, de Ministérios do Meio Ambiente).

A MUDANÇA DO CLIMA

Desde o começo da Revolução Industrial a temperatura média da atmosfera teria aumentado de 1º centígrado. De agora a 2100 ela subiria ainda entre 3 e 7ºC. A elevação provém do aumento, no ar, de moléculas de gás (gás carbônico, metano, óxidos de azoto, clorofluorocarburetos...), as quais, por sua capacidade de retenção dos raios solares, aquecem a atmosfera.⁽²⁾ Ora, os homens, por causa de seu número, suas atividades industriais e agrícolas, estão na origem de